

ECHUS DO IBATÉ

INFORMATIVO DOS EX-ALUNOS DO SEMINÁRIO DO IBATÉ - SÃO ROQUE - SP

Nº 115- ANO XIX - JULHO/AGOSTO - 2011



NÃO PERCA O X ENCONTRO

Dia 27 de Agosto

O ENCONTRO DA UNIÃO



Faça sua adesão agora!

pelos emails:
echus@zipmail.com.br / wmosca@ig.com.br

Celebramos a união, síntese dos valores humanos e Divinos vividos nas colinas do Ibaté

Amigos, daqui a poucos dias estaremos juntos à sombra do nosso Seminário do Ibaté, unidos num só coração e numa só alma, para celebrar a união, matar saudades e elevar o nosso hino de gratidão ao Deus de nossa juventude, sob as bênçãos e o olhar da Mãe Imaculada. Nosso ECHUS é o ato de convocação para o dia 27 de agosto. Será um dia inesquecível, "VINDE E VEDE". Esperamos você lá!

Hospedagem

Caso o colega, com os seus familiares, que for ao nosso encontro no dia 27 de agosto, queira pernoitar no Seminário do Ibaté da sexta para o sábado e/ou do sábado para o domingo, deverá providenciar a reserva com o Pe. Flávio Soares Lopes no tel. (11) 7150.0341. Lembramos que em caso afirmativo o interessado deve levar roupa de cama, banho, travesseiro e cobertor. Não há café ou outra refeição e o preço é de R\$ 15,00 (quinze reais) por pessoa por pernoite. Maiores informações também no telefone acima.

Existe também a opção para quem quiser ficar em hotel na cidade de S. Roque:

- São Roque Parque Hotel. Tel. (11) 4784.9200 www.srparkhotel.com.br
- Hotel Cordialle. Tel. (11) 4784.9500 www.hotelcordialle.com.br
- Hotel Villa Rossa, Raposo Tavares. Tel. (11) 4713.5560 www.villarossa.com.br
- Hotel Stefano, Raposo Tavares - Tel. (11) 4714-1464

BEM-AVENTURADA DULCE DOS POBRES, O ANJO BOM DO BRASIL! A BAHIA EM FESTA CELEBRA A BEATIFICAÇÃO DE IRMÃ DULCE



João Francisco de Brito Ramalho*



“PROFUNDAMENTE CONFIANTE NA DIVINA PROVIDÊNCIA, DEDICOU-SE A AJUDAR OS EXCLUÍDOS E DOENTES PAUPÉRRIMOS, NOS QUAIS RECONHECEU O ROSTO AMOROSO DE JESUS CRUCIFICADO”

No dia 22 de maio deste ano de 2011, a Bahia participou jubilosamente da festa de beatificação de Irmã Dulce, reunindo, no Parque de Exposições, em Salvador, cerca de 70 mil fiéis. Maria Rita de Souza Brito Lopes Pontes, Irmã Dulce, nasceu no dia 26 de maio de 1914, em Salvador, onde veio a falecer em 13 março de 1992, aos 77 anos. Sua festa litúrgica será celebrada em 13 de agosto.

O Rito solene da Beatificação foi presidido pelo enviado especial do papa Bento XVI, Dom Geraldo Majella Agnelo, arcebispo emérito de Salvador, ocasião em que fez a leitura, em latim e português, da Carta Apostólica. Escolhemos transcrever e comentar alguns pontos dessa carta, a seguir:

“Nós, pelo voto de nosso Irmão Geraldo Majella Agnelo... damos a faculdade para que a Venerável Serva de Deus, DULCE LOPES PONTES, no século, Maria Rita, Virgem, Professora da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, a qual, PROFUNDAMENTE CONFIANTE NA DIVINA

PROVIDÊNCIA, DEDICOU-SE A AJUDAR OS EXCLUÍDOS E DOENTES PAUPÉRRIMOS, NOS QUAIS RECONHECEU O ROSTO AMOROSO DE JESUS CRUCIFICADO, seja chamada de hoje em diante com o nome de Bem-aventurada...” Bento XVI

Somente uma pessoa com uma espiritualidade simples e centrada no Deus de Jesus Cristo poderia chegar assim tão perto de Deus! Em suas idas e vindas, certamente ela mergulhou na Caridade de Cristo, tendo presente o “VENHAM VOCÊS QUE SÃO ABENÇOADOS PELO MEU PAI!... Pois eu estava com fome, e vocês me deram comida; estava sem roupa, e me vestiram; estava doente e cuidaram de mim...; na cadeia, e foram me visitar.” (Mt. 25,34-36). Palavras carregadas de uma realidade muito próxima de nós.

O que faz santa a Dulce dos Pobres é a unidade que viveu entre a sua Paixão pelos Paupérrimos e a Paixão de Cristo. Esta sua Dor não ficou só aí: Ela precisava se inclinar sobre a miséria dos Pobres e acolhê-los com o coração num gesto misericordioso do Pai, curando-lhes todas as chagas. E é por isso que há décadas nossa querida Irmã Dulce é aclamada a “MÃE DOS POBRES DA BAHIA”. É aí que entra o “PROFUNDAMENTE CONFIANTE NA DIVINA PROVIDÊNCIA”, reconhecida oficialmente pela Igreja e comprovada pelas infinitas obras sociais que realizou e que a Bahia conserva através de seus seguidores. Irmã Dulce não dispunha de recursos suficientes para acolher os “paupérrimos” nem de local para tratar dos doentes... nem de alimentos para matar-lhes a fome. No entanto, nenhuma miséria lhe foi estranha! A ninguém deixou de acolher, socorrer, consolar, uma vez que acreditava que: “Miséria é falta de amor entre os homens!”

Por isso, IRMÃ DULCE DOS POBRES, que sempre foi amada por nós, baianas e baianos, pelos nossos irmãos de Sergipe, deixa hoje a particularidade do nosso Nordeste e é agora reconhecida pela Igreja como BEM-AVENTURADA, abrindo-se assim o espaço pelo Brasil afora até que chegue aos altares da Igreja do mundo inteiro.

(*) João Francisco de Brito Ramalho, 63, 1960/62, é professor de Língua Portuguesa, em Colégio da Rede Pública Estadual, em Salvador-BA jacobrilho@bol.com.br

Um bispo guiado pela confiança

Nosso colega DOM JOSÉ MARIA PINHEIRO (51/57), bispo emérito de Bragança Paulista-SP, está atualmente prestando serviços pastorais em pequena cidade da França, apesar de emérito.

Traduzimos, abaixo, uma entrevista feita pelo repórter Vicent Lamy da Revista da Diocese de Pontoise, França sobre as peripécias do nosso Zé Maria, em plagas dos antigos Gauleses:

Já faz um ano que Dom José Maria Pinheiro, bispo emérito brasileiro, está a serviço da Paróquia de Magny-en-Vexin. Uma situação única na França.

Se um bispo emérito brasileiro trabalha no setor pastoral de Vexin Oeste há um ano, é devido a uma coincidência feliz. Tempos atrás, o padre Piotr Andrzejewski, atual pároco de Montigny-les-Cormeilles, passou três anos no Brasil, precisamente na diocese onde Dom Pinheiro era bispo. Por esse motivo o Pe. Piotr lhe convidou em maio de 2010 para pregar na missa do seu jubileu de 25 anos de sacerdócio. O convidado brasileiro tinha aceitado também substituir o amigo Pároco no mês de agosto, após o seu retorno do Japão em julho, onde foi animar uma numerosa comunidade brasileira que lá reside.

Uma substituição inicial de um mês

O mês de junho deveria, portanto, ser “ocupado”: o Pe. Piotr lhe fala então de uma possível substituição para as férias de um seu amigo polonês da Diocese, o padre Stanislas Baron. Foi assim que Dom Pinheiro acabou indo a Magny-en-Vexin. Lá, o padre Stanislas Boron anuncia que vai deixar o ministério para fundar uma família. Nesta emergência, Dom Riocreux (bispo de Pontoise) pede a Dom Pinheiro - que ele conheceu por ocasião de uma visita a Notre Dame de Paris (onde Dom Riocreux foi Reitor) - de permanecer em Magny-en-Vexin. O bispo emérito aceita, e volta ao Brasil para providenciar o seu Visto consular. Voltando em dezembro de 2010, ele reintegra a equipe : pe. Sessi-Xavier Zomahoun, administrador paroquial, e o pe. João Batista Manga, padre estudante.

Nada fácil de passar de uma direção de uma diocese urbana - Bragança Paulista, perto de São Paulo - no seu País natal, para um serviço de um setor rural francês ! Antes de tudo, há o obstáculo da língua, apesar dos estudos de catequese em Paris. “Sou obrigado a escrever e ler minhas homilias, embora eu prefira falar livremente”, reconhece ele. Mas o seu domínio do francês vem pouco a pouco. Doutra lado, a alimentação e o clima não lhe dão problemas. “É como um cafezinho”, ele brinca, expressão que quer dizer “Isso passa normalmente”. Ele sente certas diferenças pastorais e as

Un évêque à la souplesse naturelle

Un an déjà que Mgr Josemaria Pinheiro, évêque émérite brésilien, est au service de la paroisse de Magny-en-Vexin. L'occasion de revenir sur cette situation unique en France!

Si un évêque émérite brésilien sert le secteur pastoral de Vexin Ouest depuis un an, c'est grâce à une coïncidence heureuse. Dans le passé, le père Piotr Andrzejewski, actuel pároco de Montigny-les-Cormeilles, avait passé trois ans au Brésil, précisément dans la diocèse où Dom Pinheiro était évêque. C'est pour cette raison que le père Piotr l'a invité en mai 2010 à venir prêcher à l'occasion de son jubilé de 25 ans de sacerdoce. Le invité brésilien avait accepté de remplacer son ami pendant un mois, après son retour du Japon en juillet, où il avait animé une communauté brésilienne qui y réside.



Mgr Josemaria Pinheiro, évêque émérite

« Je donne un coup de main, dans la limite de mon âge et de ma santé »

Depuis un an, le père Sessi-Xavier Zomahoun, administrateur de la paroisse de Magny-en-Vexin, est assisté par le père João Batista Manga, étudiant en théologie. Dom Pinheiro a accepté de venir en France pour remplacer son ami pendant un mois, après son retour du Japon en juillet, où il avait animé une communauté brésilienne qui y réside.

public. Mais, en France, il n'y a pas de paroisses. Les paroisses sont des lieux de vie, de vieilles communautés qui ont été créées par les missionnaires. Elles ont une histoire, une culture, une spiritualité. Elles sont le fruit de la mission. Elles sont le lieu de la vie, de la prière, de la charité. Elles sont le lieu de la rencontre, de la fraternité, de l'amour. Elles sont le lieu de la joie, de la paix, de la sérénité. Elles sont le lieu de la vie, de la vie, de la vie.

igrejas pouco cheias aos domingos, mas sua habilidade natural de espírito lhe faz se adaptar ; é preciso dizer que Dom Pinheiro tem domínio sobre essa situação. A maior dificuldade ele teve quando, sendo padre na megalópole São Paulo (16 milhões de habitantes), partiu em missão na Amazônia, uma realidade oposta, de 200 pequenas comunidades rurais, no coração da floresta, algumas atingíveis após trinta e seis horas de barco. Após dez anos , quando então ele devia voltar para São Paulo, o padre Pinheiro pede um ano sabático. Um pedido que ia conduzi-lo, por diversas circunstâncias através das quais ele vê a ação da Providencia, a ser secretario dos bispos brasileiros em Visita ad limina a Roma, em seguida a estudar no Instituto Superior de Pastoral Catequética, em Paris, por três anos.

De volta ao Brasil, Dom Geraldo Verdier - de origem francesa e que o orientou para estudar em Paris - o convida para ser Vigário Episcopal na sua Diocese amazônica. Eis portanto a sua volta por dez novos anos, dos quais sete como bispo. Ele ganhou um apelido entre os bispos, do qual ele se orgulha, de “bispo missionário”.

Depois, uma grave neuralgia, como também problemas cardíacos e pressão arterial o levam de volta à cidade. Dom Pinheiro é nomeado bispo auxiliar de São Paulo, depois bispo de Bragança Paulista, durante cinco anos, quando uma maior preocupação de saúde o obriga a uma aposentadoria antecipada, com a idade de 70 anos e meio

(no lugar de 75).

Nomeado para uma nova missão

Depois de um ano em Magny, ele acaba de ser nomeado para Pontoise, mais perto da Catedral de seu confrade e amigo. Para a sua nova missão, como para a antiga, ele diz simplesmente : “Chego para ajudar, dar uma mão, dentro dos limites da minha idade e da minha saúde”. Esta nova função lhe permitirá também responder às solicitações dos bispos que o convidam para celebrar.

Dom Pinheiro espera o futuro de sua vida com confiança: “Toda a minha vida é uma boa experiência”, diz ele sorrindo.

Anões do reino de Ulis da Floresta!

José Moreira de Souza*



Nosso amigo, Antônio Carlos Correa, inaugurou uma série de artigos sobre os tempos áureos do Ibaté. Referiu-se aos craques do futebol, com destaque para o grande Getulino do Espírito Santo Maciel. Outro grande estudioso daquela época, sempre amigo, Letterio Santoro, acrescentou o segundo capítulo no qual abordou os anos de ouro da produção literária.

Ciente de que a atividade teatral também ocupou lugar de destaque, tenho sugerido, a outro amigo, o magnífico Clóvis Baroni, recuperar os anos das luzes da ribalta. Felizmente, já na edição anterior, o Echus reproduziu o programa em que “Dinheiro Sangrento” é encenado na sessão cênico musical dos dias 22 e 23 de agosto de 1956. É pouco, mas já é alguma coisa.

Há muito que escrever. O esplendor da música, em que comparece a figura ímpar do Otto Dana como regente e compositor. O desempenho dos leitores e da audiência no refeitório, no qual todos nós exercitávamos a arte de ler com expressão e ouvir com atenção. Os casos edificantes perenizados no Echus pelo nosso amigo Lui. O valor do trabalho - labor omnia vincit improbus - de enfermeiro, servente do refeitório, confecção de terços, cabeleireiro, engraxate, faxineiro, sacristão da capela-mor ou da capela dos padres, etc.

Neste artigo, contribuo com uma seção do capítulo sobre a atividade teatral em São Roque. Faço-o para colocar em relevo um dos nossos grandes atores - Paulo Acácio Martins.

Paulo estreou no teatro ainda no seminário menor metropolitano Nossa Senhora Aparecida, nos anos de 1954, 1955 e 1956. O diretor de teatro era nosso decano, padre Noé Rodrigues. Duas peças lhe ficaram na memória: “Os dois corcundas” e “O escorrego”. Ambas foram encenadas também em São Roque. Duas comédias. Paulo prezava especialmente “O escorrego” conhecida também como “O prefeito de Cabrobó”. Num desses nossos encontros festivos, o Beta conduziu o Paulo até o palco e pediu que ele exibisse falas dos atores, com destaque para o conselheiro do prefeito que era também seu delegado de polícia e soldado - papel desempenhado pelo Durval. O palco se iluminou e a cena foi filmada. Nosso grande ator comparava o enredo dessa peça aos episódios do “Bem

Amado” de Dias Gomes e tinha certeza de que a trama criada por Dias Gomes devia créditos ao Prefeito de Cabrobó. É possível. A primeira edição pela Editora Vozes data de 1942 e constava no repertório dos colégios pelo Brasil afora.

Em 1957, Paulo vem ter a São Roque e logo foi selecionado pelo padre Constantino para compor o quadro dos grandes atores. Nessa época, havia pelo menos quatro grandes sessões durante o ano; duas em cada semestre. A mais importante acontecia no dia 22 de agosto, e se repetia no dia 23 ou no Domingo da Família. “Cavaleiro Negro”, “Sede de Império” e “Duelo Fatal” - essa última, já sob a direção do padre João Bosco Galvão - foram as escolhidas nos anos de 1957, 1958 e 1959. Em 1955 foi “El Safah, o sanguinário” e, em 1956, a já divulgada “Dinheiro sangrento”. Colegas de anos anteriores enchiam a boca ao se referirem ao “Carcereiro de Khunfels” e a “O gondoleiro da morte” com destaque ao desempenho do Alfredo Barbieri e o Barra.

As peças encenadas na festa do Imaculado Coração de Maria levavam vantagem sobre as demais. Ao se repetirem no “Dia da Família”, às 14 horas, os atores posavam para as câmeras fotográficas de competentes fotógrafos como o Nílio Antônio Vieira.

Entretanto, não foi nenhum desses dramas que se fixaram na memória do Paulo Acácio. Foi outra exibida, salvo engano, no primeiro semestre de 1958 cujo título era “Almas em Tempestade” da mesma coleção da Editora Vozes. “Escorrego” e “Almas em Tempestade” foram as duas peças preferidas pelo Paulo. Uma comédia e uma quase tragédia. De um lado a ironia, do outro, a tragédia do encontro de dois irmãos na floresta “derrubando árvores e plantando dormentes”. Desta o Paulo tinha de cor uma de minhas falas como Piote: **“Os quirópteros sugadores de sangue voam sobre o acampamento com suas asas de vampiros celebrando orgias”.**

Eu decorei a cena do encontro dele, o Gaúcho, com o padre Felipe Valobra, seu irmão representado por Alberto Pimenta Junior - o Gilmar -:

- “Que teme? Olhe-me de frente.”
- “Nada temo. Eis, o que vê?”
- “Eu vejo o abismo!”

- "Lance as redes e pesque. Há cadáveres no fundo".

O eterno Ditão era o engenheiro chefe do acampamento, o Clóvis o índio, se não me engano, o Faria era um companheiro do Gaúcho. Esta foi a primeira peça em que o padre Constantino não deu um papel importante para o Waldemar de Faria.

A cena final exhibe o encontro da consciência = ciência de um no outro = ser irmão. O morto assassinado, o assassino e o mensageiro do perdão antevêm a parusia recordando a mãe, a Grande Mãe. As cenas de febre palustre - quirópteros sugadores - os tremores e temores - "quinino e ruibarbo, ruibarbo e quinino para minorar a febre" retratam o sofrer na floresta. A peça pode ser lida do prisma das construções teóricas de Wladimir Propp - "Édipo à Luz do Folclore", "Raízes do Conto Maravilhoso", etc. Penso também no "Cavaleiro da Besta Ladradora" do "Parsifal" da "Demanda do Santo Graal". A "Floresta" como arquétipo do imaginário onírico. Paulo acertou na escolha e o padre salesiano que redigiu a peça, certamente conhecia bem as peripécias dos acampamentos da Estrada de Ferro Madeira Mamoré.

Quando a Rede Globo exibiu o seriado Mad

Maria, Paulo retornou maravilhado ao "Almas em Tempestade" e aos enigmas da floresta.

Parodiando nosso amigo Atílio Brunaaaacci - como dizia Wilson Bertoleti - imaginem que farra no céu com a chegada do Paulo Acácio. Abraço saudoso do Ditão - Benedito Jorge Filho -, seguido do João Barizon Sobrinho, do padre João Batista, do Luiz Antônio Hardt, do (Dom) Décio Pereira, do Nílido Antônio Vieira, do Darci Moraes Pupo, do Monsenhor Renato Artamendi e até do Monsenhor Barra. Acabou? Nada disso. Logo, logo, aparecem paramentados o Padre Monsenhor Dom Constantino, o padre João Bosco e o padre Pascoal Amato. Rindo de tudo isso estará o Beta, o grande Gilberto Cianflone Lucarts.

E nós aqui, morrendo de inveja...

Ah! O leitor pode perguntar: e que isto tem a ver com o título? Resposta: perguntem ao nosso engenheiro maior, Antônio Jurandyr Amadi. Só garanto uma coisa, Ulis = Luiz. Um certo monsenhor que foi reitor do Seminário Médio Metropolitano Imaculado Coração de Maria sito na cidade de São Roque, estado de São Paulo, logo ali na estrada para Araçariguama e Pirapora do Bom Jesus.

(*) José Moreira de Souza, 70 (55/59) Sociólogo e Professor aposentado da UFMG, atualmente dedica-se às letras e ao folclore, além de emérito conhecedor da cachaça mineira josemoreira@superig.com.br

PARACHOQUE DO CAMINHÃO DO IBATÉ

*Galo que persegue
pato morre afogado.*



Criamos e desenvolvemos

- identidade visual
- projeto gráfico e diagramação de revistas, livros, folders e catálogos
- materiais promocionais para feiras, eventos e pontos-de-venda
- materiais publicitários como anúncios e malas diretas

Entre em contato!

www.estudiomutum.com.br
Av. Francisco Matarazzo,
229 - cj 45 - Água Branca
contato@estudiomutum.com.br

11 3852 5489

In memoria aeterna: o repouso iluminado!

José Moreira de Souza (Gouveia, MG) com colaboração de Antônio Carlos Corrêa (São Paulo, SP) e Getulino do Espírito Santo Maciel (Lorena, SP)

Obs.: Texto distribuído pela família do Paulo Acácio por ocasião da celebração da missa de 7º dia.



Peço aos prezados leitores que me permitam gastar o latim que aprendi e que cantei, cuja mensagem me calou profundamente. Hoje, o latim foi esquecido. Não se aprende mais nos anos do fundamental nas escolas. Não tenho saudade, mas lamento a perda. Penso que nossas crianças perderam a oportunidade de freqüentar nossas raízes latinas. Os vínculos de nossa formação histórica.

Esta amnésia, creio, torna-nos superficiais. É pena. Gasto meu latim nesta introdução para fixar a marca de uma pessoa importante que se tornou imortal no dia 31 de maio.

Paulo Acácio Martins, uma criança de Curvelo, filho da estação de Gustavo da Silveira. Amigos curvelanos, descendentes do padre Antônio Corvelo de Ávila, amigos curvelanos, vocês conhecem o povoado de Gustavo da Silveira? Ali houve muita vida, do início do século XX, até os anos setenta. Era um povoado que orgulhava a poeirenta cidade de Curvelo. O viajante pela estrada de ferro tomava-se de surpresa ao deparar dezenas de vagões carregados de gado vacum, ao visualizar amplos assentamentos destinados a curtume do couro do gado abatido e logo além, ao contemplar galpões e chaminés da charqueada. Nada era modesto nessas paragens. As instalações do curtume abrangiam uma área superior a cinco mil metros quadrados e a da charqueada, outro tanto, além das áreas de recolhimento do gado desembarcado. Reinava a agroindústria. Apenas para o

leitor avaliar a grandeza desse lugar, lembro que o escritor João Guimarães Rosa era conhecido ali como o Joãozito. O gustavense via todo o mundo como pequeno diante da monumentalidade do espaço natal.

Pois é, Paulo Acácio Martins é filho desse lugar. Já que ali nada era pequeno, a família era grande, muito grande, tão grande que se espraiou por Minas Gerais afora indo ainda mais longe: pelo Brasil... E Gustavo da Silveira tornou-se luz para o mundo.

Paulo levou por onde andou a presença - não a lembrança - de Gustavo da Silveira. Em fevereiro de 1954, embarcou na estação de Curvelo para São Paulo. Permaneceu naquele estado até dezembro de 1959, de onde saiu premiado como um eminente escritor. Laureado vencedor do concurso de Cátedra do Grêmio Literário Pio XII. Em São Paulo, o menino estudou três anos no Seminário Menor Metropolitano de Nossa Senhora Aparecida, na cidade de Aparecida do Norte. Nesses primeiros momentos deixava transparecer suas virtudes de grande ator de teatro. Uma das peças encenadas tinha o nome de “O escorrego” ou “O prefeito de Cabrobó”. Era uma comédia que retratava os conflitos de um prefeito que se julgava senhor absoluto da realidade e que decretou que o nome “quiabo” não poderia mais ser proferido em todo o município, devido ao fato de sua mulher haver se escorregado ao pisar num quiabo deixado na calçada de uma rua. A proibição resultou até em conflito internacional, posto que um gringo visitante, incauto, pronunciou a palavra proibida. Paulo acredita que o tema do “Bem Amado” do Dias Gomes devia a essa comédia a inspiração.

Em Aparecida, Paulo testemunhou o lançamento da pedra fundamental da nova basílica nacional, iniciou-se no exercício da música, e projetou-se como goleiro da seleção de futebol do colégio. No ano de 1957, Paulo mudou-se para a cidade de São Roque, para cursar o Seminário Médio Metropolitano. Ali o sucesso se consolidou, goleiro, músico, ator, orador, escritor.

Como ator de teatro recebia do diretor os papéis centrais. Em “Sede de Império”, era um centurião romano, nos tempos de Tibério, em “O cavaleiro negro”, o chefe dos ciganos que ameaçavam um grande do castelo medieval. Desse tempo, a peça que melhor fixou na memória levava o nome de “Almas em tempestade”. O enredo narrava as peripécias de construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Nesta, o papel de Paulo era de um Gaúcho que havia adentrado a floresta e fora parar no acampamento chefiado por um engenheiro. Quando a rede Globo retratou em “Mad Maria” aquela época, Paulo lembrou a justiça devida às peripécias daquele tempo registradas em “Almas em tempestade”.

Para encerrar seu percurso no seminário, o moço decidiu concorrer ao maior prêmio literário chamado de Concurso de Cátedra do grêmio estudantil. Além do prêmio em dinheiro, o vencedor, tornava-se automaticamente presidente da agremiação no ano seguinte, caso não estivesse no ano final. Paulo redigiu o conto “No pátio de

Anás” e abischoitou o prêmio. O júri era formado por colegas selecionados pelos professores diretores. Trata-se de uma experiência a ser imitada nas escolas. A convocação à crítica literária. Não são apenas os candidatos que saem premiados, mas todos os leitores.

Paulo não usufruiu de todos os benefícios. Ao deixar o educandário em dezembro de 1959, passou para outros a incumbência de presidir o Grêmio Literário Pio XII. Contudo, levou para a vida afora a vocação de escritor. Nesses últimos anos, decidiu reunir amigos e familiares em torno de uma aventura literária inédita: redigir e publicar um livro sobre Gustavo da Silveira. O ineditismo é de gênero. Trata-se de uma obra em que todo leitor é também autor, tenha nascido, residido ou não em Gustavo da Silveira.

No meio dessa aventura, eis nos autores dessa obra. A concepção de autor segundo Paulo é diferente. Leu, tem algo a dizer? Então é autor.

Retomo as palavras do título. No seminário, quando se celebrava o repouso eterno entoava-se uma canção de ninar inventada na Idade Média. Cantava-se: “Requiem aeternam dona eis Domine”. Traduzo imediatamente: “Ó Deus, dai-lhe o eterno descanso”. A canção prosseguia: “Et lux perpetua luceat eis”. Traduzo de pressa: “E que esse repouso seja iluminado”. A canção declarava, pouco depois, quem tinha direito ao repouso iluminado: “In memoria aeterna erit Justus”. O justo tem direito a esta canção de ninar. O justo ouve no silêncio e permanece para sempre no coração dos viventes.

Na obra sobre Gustavo da Silveira, Paulo faz referência a um autor muito lido no seminário, o padre

Antônio Vieira, o maior orador sacro da língua portuguesa. É ao padre Antônio Vieira que tomo de empréstimo a mensagem dessa eternidade: “Se Deus, assim como fez um Adão, fizera dois, e o segundo fora mais sisudo que o nosso, nós havíamos de ser mortais como somos, e os filhos de outro Adão haviam de ser imortais”. Vieira, então, imagina como seriam os filhos do Adão imortal. Eles povoariam o paraíso e iriam além do paraíso povoando toda a terra, fariam quase tudo que nós mortais fazemos e fizemos, porém, eis a diferença: “havam de fazer com justiça, com razão, com modéstia, com temperança; sem luxo, sem soberba, sem ambição, sem inveja; e com concórdia, com caridade, com humildade”.

Aqui resta concluir. Quando Paulo se tornou um “cedro ferido”, no final de 2009, assisti ao carinho que recebeu da Olísia, das filhas Paula e Juliana, do filho Valério, das irmãs e dos irmãos. Ouvi cantigas de ninar. Fiquei extasiado. Vejo agora que ele foi um novo Adão, imortal, era isto que a família cantava e que nós colegas afirmamos.

Da cidade de Lorena, o colega Getulino fixou: “o sorriso terno que agora se torna eterno”.

Da cidade de São Paulo, o colega Antônio Carlos repetiu: “esse homem querido, esse homem muito fácil de ser gostado e exemplar raro da arte do Bom Humor que sempre me injetou a expectativa de cura como modelo de reação saudável diante das agruras por que passamos nesta vida. Bom Humor, alegria, enlevo, leveza, espirituosidade e sabedoria, isso para mim era o Paulo Acácio.”

Nada disto é do caráter do primeiro Adão, é do segundo.

Paulo Acácio, o rei de todos os confins...

Getulino do Espírito Santo Maciel*



O insuperável José Moreira de Souza, em “In memoria aeterna: o repouso iluminado” traça, fielmente, a trajetória de Paulo Acácio. Modestamente, vou em sua trilha, sob outro viés.

Nosso último encontro foi em 21 de abril de 2010 quando testemunhamos seu casamento civil com Olísia, sua fiel, dedicada, zelosa e boa samaritana companheira. Moreira e eu, “encenamos” trecho de uma peça de que Paulo gostava muito. Mais ou menos, assim: “... se ris por ignorância, eu te perdoo; mas, se ris por zombares de minha alta prosopopéia, meto-te esta encefálica bengala no alto de tua sinagoga e ouvirás o gorjeio dos pássaros antes da aurora...” Rimos muito. Mas, um riso contido e silencioso. Paulo apenas olhava. Serenamente olhava com um longínquo olhar de quem se prepara para a viagem como já tantas ele fizera...ah! aquelas inesquecíveis viagens!

Estava, em nossa presença, começando a se preparar para outra misteriosa viagem!

Eu lacrimejava por dentro. A memória me assolava insistentemente.

Lá atrás daqueles olhos entristecidos, o esperto e

agudo olhar do ator atento a todos os movimentos; lá por dentro daquela cabeça encanecida, o poder juvenil da memória, da oratória inflamada, da escrita castiça; lá por dentro daquele peito martirizado, o abraço forte do goleiro imbatível; lá por dentro do coração, o sempre amor a se doar, sem reservas, amor que não adocece, não se encanece e nunca, a preço algum, esmorece e que jamais se esquece; lá por trás daquelas mãos quase encarquilhadas, as ágeis mãos passando máquinas e pentes sobre nossas densas cabeleiras.

Deixamos Paulo como se nunca o deixássemos. Voltamos para Lorena com um só sentimento: “Paulo não merece...” Deus lhe abra os seus mais amenos caminhos...aqueles que a Bondade divina só prepara para os bons.

No dia 31 de maio de 2011, escrevi, mais ou menos, assim: findou-se a agonia, ao lindo sol do meio dia. Acabou-se o sorriso terno agora eterno. O Ibaté perdeu o guerreiro, o mágico cabeleireiro dos cortes à Dom Danilo. O palco se apagou, o último ato terminou... fechem-se as cortinas e saudemos, em pé, o triunfo do guerreiro: PAULO ACÁCIO FARGNOLI MARTINS, o Rei de todos os Confins!

(* Getulino do Espírito Santo Maciel, 71 (57/60), ex-consagrado ludopedista, ex-professor universitário, ex-critor e ex-devogado em Lorena-SP louget@uol.com.br

CORRESPONDÊNCIAS RECEBIDAS

De Norberto Antonio Folkas (64/66) - Caríssimo Mosca, quero agradecer, de coração, os cumprimentos pelo meu aniversário. É a oportunidade que Deus nos dá para em mais este início de ano sermos agraciados, melhorar ainda mais a qualidade de ser humano diante daqueles que nos cercam e conseqüentemente com fé, curtir este dom de Deus e a amizade de todos vocês. Muito grato. Santa Cruz da Conceição 24.06.2011 norfolkas@uol.com.br

De Manoel Pedro Rosa (63/64) - Vocês, Ibateanos, não imaginam do que me lembrei nesta semana. Lá nos anos 63/64, quando estive no Ibaté, éramos pouquíssimos os torcedores do Santos FC e, já nos tornáramos bi-campeões em 1963. Que minha memória ainda traz a recordação, o meu companheiro de torcida era o Santista (Paulista e Paulistano, torcedor fervoroso do Santos FC) do qual não me lembro o nome. Não consigo me lembrar de nenhum outro torcedor santista. Isidoro e Leco (de Miracatu para o Brasil) acho que não eram. O Cidão (Pe. Antonio Aparecido) que morava no Canal 1, aqui em Santos, era e ainda deve ser corintiano. Zé Botinha (José Edson, que era de Apiaí) era palmeirense. Outros mais, acredito que não eram, a não ser que nos recordem com seus manifestos, agora, com as novas e maravilhosas conquistas do maior do mundo - O GLORIOSO ALVI NEGRO PRAIANO - SANTOS FC. São Vicente-SP 25.06.2011 well.manoel@ig.com.br

De Antonio de Lima (50/54) - Alô Antonio Carlos Corrêa, você mexeu com o meu emocional. Ouço RECREIO NO IBATÉ quase que diariamente e não me canso. Estou trocando as más notícias da televisão pelas músicas que você, com inspiração do céu, mandou para mim. Pela manhã, das 5:30 até 6:30 horas, faço exercícios correndo dentro da minha casa, embalado pelas músicas cujo som invadem minha alma. Parabéns Corrêa pela ideia! Que outras ideias criativas tenha você para confortar um ex-viúvo de 76 anos após 50 anos de casado, mas que agora é pai novamente de uma menina com 10 meses de idade, do segundo casamento. Abraços. São Paulo-SP 27.06.2011 fjslima2009@hotmail.com

De Antonio Paulo da Costa Carvalho (59/63) - Mosca e demais colegas, Agradeço e retribuo os votos de todos os irmãos do Ibaté. Companheiros de viagem na adolescência e juventude. E eis nós aqui revivendo e partilhando esta caminhada. Que Deus abençoe a todos, com saúde, paz e amor. Um abraço a todos. São Paulo-SP 28.06.2011 antonio.p.carvalho@terra.com.br

De Luiz de Gonzaga Giannini (50/56) - Prezado amigo Wilson, é sempre muito bom lembrar de São Roque! Agradeço de coração sua mensagem, que me fez recordar, num átimo de tempo, os 10 anos de seminário, uma dádiva divina que agradeço diariamente: 50 a 56 no Ibaté; 57 e 58 no Ipiranga e 59 em Aparecida. Obrigado e fraternal abraço a você extensivo a todos os amigos do Ibaté. São Caetano do Sul-SP 30.06.2011 luizgiannini@ig.com.br

De Sergio Conrado, Mons. (58/63) - Prezado Wilson. Saúde e Paz! Muito grato pelos votos de aniversário. Embora não tenha aparecido, estou muito ligado a vocês do Ibaté pela oração e torcida. Estou me preparando para o Encontro de Agosto. São Paulo-SP 04.07.2011 conradosergio@terra.com.br

De Paulo Correia Rosa (50/51) - Amigos do Ibaté, sensibilizado pela lembrança, agradeço os parabéns de todos. Lamento que pela distância e por dificuldades de saúde não possa ir, como sempre desejei, ao Encontro em São Roque. Saudações ibateanas. Curitiba-PR 11.07.2011 rosagraf@terra.com.br

De José Fernandes da Silva (63) - Olá companheiros. Estamos nos aproximando do dia 27 de agosto, nosso X ENCONTRO. Quero relatar a vocês algo que achei interessante: outro dia estive na cidade de Jacupiranga, aqui perto, em um velório e após a encomendação do corpo a pessoa que fez as orações, dirigiu-se ao fundo do salão. Então fui conversar com ele, pois, não o conhecia. Aí relatou que era seminarista e estava cursando filosofia e tal. Após ele relatar, comentei que sou um ex-seminarista, que estudei em São Vicente e fui transferido para São Roque. Foi quando relatou-me que em uma das reuniões de que participa, foi comentado sobre uns ex-seminaristas que mantêm até hoje os encontros e que foi citado como um exemplo, para se manter a união e fraternidade, inclusive fez muitos elogios por tal atitude, o que me fez sentir orgulhoso, pois, pude confirmar a ele que também faço parte desse pessoal. Por esse motivo, me senti na obrigação de levar ao conhecimento dos colegas, pois, o nosso encontro além de nos manter unidos e, também, esposas, filhos, netos, parentes e amigos, ainda temos a honra de servir como referência de bom exemplo. Por tudo isso, quero agradecer aos organizadores que fazem o trabalho de organizar e intimar-nos a comparecer, pois, sem esses PASTORES, com toda certeza não estaria havendo esses encontros, pois, todos nós sabemos que essa organização exige muito trabalho. Só posso agradecer primeiramente a Deus e pedir para Ele abençoar a todos e dar coragem para continuar, pois, não se trata somente de um simples encontro, mas está, também, servindo de referência para o bem. Juquiá-SP 13.07.2011 jfstorito@hotmail.com

PARÓQUIA DAS TROVAS

TEMA: X ENCONTRO

Um preencontro pequenino
na saudosa Pirapora,
na união e descortino,
chega ao décimo...agora!

Antonio Jurandyr Amadi (51/57)

Você, amigo do Ibaté,
tem um sério compromisso
o X Encontro, e até
um dever. Não seja omisso.

Alfredo Barbieri (49/53)

Já na décima edição
nosso encontro é celebrado
e, reforçando a união,
quesito tão desejado.

Wilson Cândido Cruz (59/64)

Décimo Encontro, que festa
da união, da fraternidade!
A vivência manifesta
de anos e anos de amizade.

Joel Hirenaldo Barbieri (51/58}



ERRATA: Na edição de nº 114 do nosso ECHUS DO IBATÉ neste espaço da PARÓQUIA DAS TROVAS cometemos dois enganos, pelos quais pedimos escusas:

1-A trova abaixo é de autoria de JOEL HIRENALDO BARBIERI e não de ANTONIO JURANDYR AMADI, conforme publicado:

De duas coisas a UNIÃO
faz-nos chegar às essências:
basta abrir o coração
e ver Deus nas minudências.

2-A trova de autoria de ALFREDO BARBIERI saiu incorreta. A correta é:

Nas Colinas do Ibaté
vamos celebrar a UNIÃO
reafirmando a nossa fé
abraçando nosso irmão.

Envie-nos você também a sua trova. Tema para o próximo ECHUS: TROVADOR

CASO EDIFICANTE



José Lui*

Porque nascem bebês ruivos

Depois de nascida a criança, o pai, aflito, foi falar com o obstetra:

- Senhor doutor, estou muito preocupado porque minha filha nasceu com cabelos ruivos. Não pode ser minha!!
 - Que disparate, disse o médico. Mesmo que você e sua mulher tenham cabelos pretos, pode haver genes em suas famílias que dêem origem a cabelos ruivos
 - Não é possível, insistiu o pai. Ambas as nossas famílias sempre tiveram cabelos pretos ha muitas gerações.
 - Bem, perguntou o médico. Com que frequência vocês mantêm suas relações?
- O homem, envergonhado, respondeu:
- Este ano tenho andado muito cansado de tanto trabalhar. Só fizemos amor duas vezes.
 - Então está explicado, respondeu o médico confiante. É FERRUGEM

(*) José Lui, 75 (49/56)- Filósofo, teólogo, exerceu o sacerdócio no período de 1963 a 1978, administra o Cemitério Gethsêmani-Anhanguera em São Paulo-SP roselui@picture.com.br



Andei em meus dias buscando verdades. Alimentavam sonhos e iluminavam-me caminhos. Ao me tornar padre, assumi a verdade de Jesus: vim para que a alegria de vocês seja completa. Foi programa de vida, mesmo que pudesse implicar na entrega de minha alegria. Atesto: não a sacrifiquei nunca. Mais a tinha à medida em que a dava.

Os provérbios do povo exprimiam verdades que nasciam de experiência vivida. Chegando por pés de pacientes tempos, cristalizavam-se como dogmas.

Conduziram-me minhas verdades, de fé, ou não. Hoje ando a delas me desfazer. Por quê exatamente, não sei. Sinto-me como quem chega em casa e vai apagando as luzes que ficam para traz, enquanto entro. Não que nelas não mais creia. Cansei-me talvez das complexidades, indo minha vida em passos de comportadas esperanças. É chegada a hora das sínteses. Deixo as verdades que se impuseram sob anátemas, ou mesmo as mais humildes que se diziam de fide definitiva. Conservo as que se exprimem como bem-aventuranças e se impõem pelo amor. Como esta, por exemplo: Deus é pai. Grande novidade! - há quem diga. Com certeza o diria, eu também, em remotas juventudes, sem dela nunca ter tido, nem por sombra, uma mísera, tranqüila experiência. A esta verdade, outra veio em complemento: Deus é pai e tem que ser melhor que o meu, se não, é um deus que não vale a pena. Ah! - antes que me esqueça e tem que ser melhor que meu avô a quem ouvi dizer em seu vêneto, olhando-me em desfeitas ternuras: si questo putin muoie, muio anca mi (se este menino morre, morro eu também).

Outra verdade, pego-a de meu amigo o apóstolo Paulo: nele, nós vivemos, nos movemos e existimos. Todo apaixonado sabe o que é viver, mover-se, morar dia e noite no coração do outro. Muito cantei minha vida imersa no mar dos corações que amei. Deus, está aí, não em céu imaginado longe, sem espaço e tempo. Deus está aí, nele vivo e nele tudo é, inclusive a formiguinha miudinha carregando folha pra que a vida viva. Ele, o céu dos que se foram. Ele, em cujos sonhos dormem os que ainda vão chegar. É ele que no pingar dos dias e das horas, em sua mão sustenta o cair de minha vida em folhas. Morrer? Não mais que fechar os olhos e ver que é dia!

Sob essa luz, faz-se todo o sentido de minha liberdade que a quis sem limites e que sei, não é assim. Limita-me o corpo, como o da criança que nem sabe segurar xixi. Ou o do jovem, das paixões sem rédeas, ou o do velho em vontades apagadas, por falta de uso e horizontes. Limita-me o passado de um sangue que existiu antes de mim e em mim corre em

herança: vícios sem rosto e nome que hoje chamo de pecado original. Limitam-me minhas circunstâncias - como diria meu amigo Ortega y Gasset, como o ter nascido homem e não mulher, nesta cidade, nesta família, neste tempo, situado e datado, soma de fatos fora de vontade, no espaço estreito entre nascer sem pedir e morrer sem querer. Limitam-me os que vivem a meu lado, olhos abertos sobre minha intimidade, espiando-me de graça, em reality show, levando meu amigo Sartre a acreditar que o inferno são os outros. Limitam-me o caráter e os hábitos, os bons que adquiri por força de repetidas ações, ou os maus que me levam a fazer o mal que não quero e a não fazer o bem que quero. Não fosse tudo o que visivelmente a limita, há ainda uma derradeira crise de minha liberdade que parece reduzi-la a nada: o inconsciente, o desconhecido e o imponderável na raiz de minhas ações. Mas, é exatamente aqui, onde minha liberdade parece ir a pique, que se faz a chance da vida: a de me atirar nos braços do Deus que criador da luz, resolveu morar nos escuros do mundo e de mim mesmo (cf. Ex 20,21). A paixão por uma liberdade absoluta mais não faz que revelar o sentido de minha finitude que pode implicar na experiência amarga de um sonho que se desfaz e levar a muitos a dizer, como minha amiga Martha Medeiros que o máximo de liberdade a que o ser humano pode aspirar é escolher a prisão na qual quer viver. Não me vejo de mãos dadas com essa melancolia. De graça, nasci. De graça, sinto-me chamado para a coragem e para a alegria de ser! Por isso, com meu amigo Paul Ricoeur, creio em uma liberdade simplesmente humana que se consuma na aceitação franciscana da necessidade, quer dizer, no amoroso acolhimento de tudo o que a limita, pois no fundo o que, ou quem a limita é exatamente o que, ou quem a abre para as dimensões de uma felicidade sem margens. Aceito viver no mundo e em meio às criaturas. Se isso envolve tensão, depende de mim fazê-la uma tensão fraterna. Assim, meu anseio de liberdade só nEle se consuma, se eu fizer a escolha de a Ele me entregar e viver a verdade de que é melhor dar que receber. O homem verdadeiro há de passar pela experiência decisiva da cruz e dizer: em tuas mãos entrego minha liberdade e minha vida.

Por ora é só. Outras sínteses estão a caminho. Incessantemente. Chegam como ondas que se quebram e se espriam. Delas voltarei a falar, quem sabe. Enquanto isso, não me vejam demolidor de dogmas. Não nego uma só das verdades em que acreditei. Existindo no tempo, transformam-se por uma negação criadora. Meu amigo Hegel chamou de aufheben ao fazer-se sem fim das verdades. Assumo-as, ao se tornarem sínteses, outro rosto do que foram. Mais luminoso.

(*) Augusto José Chiavegato, 76, ex-aluno do Seminário do Ipiranga de 54 a 57, filósofo e professor universitário aposentado. Lecionou no Seminário Central e na PUCSP. Exerceu o sacerdócio no período de 1960 a 1975. augustochiavegato@globocom

Photantiqua

(Fotos cedidas por
José Moreira de Souza)

HOMENAGEM A PAULO ACÁCIO MARTINS, morto em 31.05.2011

Foto 1



PAULO ACÁCIO MARTINS (no segundo degrau) na peça “Sede de Império”. Nessa foto ele aparece se confrontando com outro grande ícone de nosso Ibaté, WALDEMAR WALDIR DE FARIA (no primeiro degrau).

Foto 2



Atores da peça “Cavaleiro Negro”. O PAULO ACÁCIO é o primeiro ao lado do Padre Paschoal Amato. Lá no fundo Dom Constantino, tendo ao seu lado, meio agachado, o JOSÉ MOREIRA DE SOUZA.

FS
AMARAL
ADVOCACIA

© F.S. AMARAL - Advogados Associados

Escritório de Advocacia à sua inteira disposição direcionado a causas públicas, educacionais, trabalhistas, cíveis e comerciais, com especialização em cobrança, direito da família, imobiliário, condominial e contratual.

Constituído por 5 advogados, todos eles com, no mínimo, dez anos de experiência: Dr. Francisco Fierro-17.392 (colega ibateano, turma de 1949), Dr. Carlos Eduardo de Sampaio Amaral-16.210, Dr. Dídio Augusto Neto-55.438, Dr. Fabiano de Sampaio Amaral-135.008 e Dr. Beraldo de Toledo Arruda-174.267.

Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, 350 – Conj. 13 - 01318-000 São Paulo - SP

Fone/Fax: (11) 3104-9308 / 3242-4903 / 3105-9896

contato@fsamaral.com.br - <http://fsamaral.com.br>

HÉLCIO QUAGLIO + 25.02.1986

Asdrubal Angelo Baruffaldi*



À folha 11, do ECHUS DO IBATÉ nº 114, constou que no elenco de protagonistas de o "DINHEIRO SANGRENTO", apresentado em 23 de agosto de 1956, em Ibaté, figurava o HÉLCIO QUAGLIO, ido para a Casa do Pai em 1991 ??? (sic). Saudoso, propus-me a enviar estas reflexões quanto ao dia de sua morte, ocorrida em 25 de fevereiro de 1986.

A foto anexa foi extraída na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em 1965, ocasião de nossa formatura. Nela aparecem da esquerda para a direita: Asdrubal Angelo Baruffaldi, Héclio Quaglio e José de Mello Junqueira.

Em 1985, vinte anos depois, incomunicáveis e à longa distância, viemos a nos encontrar casualmente, quando um dos meus colegas do Jurídico da Infraero, em Guarulhos, contraia núpcias em São Bernardo do Campo.

Entre os convidados incluíam-se seus colegas de magistério, um dos quais, muito especial, era HÉLCIO QUAGLIO.

O inesperado encontro permitiu que desfrutássemos os melhores momentos dos auspiciosos esponsais, com horas de intenso júbilo e de ressonâncias históricas, sobretudo do Ibaté e da Faculdade de Direito, o que motivou uma despedida emotiva e plena de promessas de novos encontros. Só que estas não tardaram em se desfazer.

Passados exíguos meses o colega recém-casado me notificava de que o HÉLCIO havia falecido e estava sendo velado em São Bernardo do Campo, onde comparecemos movidos de intensa tristeza. -Jazia inerte e alegre e comunicativo Amigo-

Nos tempos de Ibaté seu coração despertara momentos críticos e preocupantes para os familiares e para as autoridades religiosas. E, às vezes em que me coube cuidar de sua medicação, como auxiliar na enfermagem, o fiz com grande receio, compreendendo a gravidade da doença e a notória pequenez da minha improvisada perícia, o que não o impediu de sobreviver sadio e operante até o dia fatídico em que aquele seu mesmo coração optou pela dispensa de sua vida fecunda e transportá-lo aos umbrais da eternidade!

Este parêntese, permitido pelos caríssimos Leitores, não se destina apenas à memória do saudoso Colega, mas a todos os que podendo estar ainda conosco, já nos lancetaram com as suas despedidas.

(*) Asdrubal Angelo Baruffaldi, 79 (49/53) também foi aluno do Seminário de Pirapora, turma de 1948, é artista plástico, escritor e advogado. Mora em Ourinhos-SP asdrubal.angelo@ig.com.br

FLUXO FINANCEIRO

FLUXO FINANCEIRO - Posição até 19.07.2011	
POSIÇÃO EM 31.05.2011	31.149,01
ENTRADAS	
Contribuições e doações	3.777,83
Venda CDs	440,00
Venda de Camisetas	375,00
Juros	268,92
TOTAL ENTRADAS	4.861,75
SAÍDAS	
Postagem Echus 114	1.159,30
Impressão Echus 114	1.250,00
Cipibrasa nº 4336-Crachá	310,10
Antecipação X Encontro	500,00
Despesas Bancárias	21,80
TOTAL SAÍDAS	3.241,20
SALDO ATUAL 19.07.2011	32.769,56
Tesoureiros: Carlos Domingues Cosso - Wilson Mosca	

AGRADECIMENTOS

A Turma do Ibaté agradece as contribuições recebidas, no período de 01.06.2011 a 31.07.2011, dos seguintes colegas: Alberto Pimenta Junior, Alfredo Barbieri, Almir Pessoa Cezar, Antonio Carlos Corrêa, Antonio José de Almeida, Antonio Martini, Antonio Orzari, Carlos Eduardo Sampaio do Amaral, Celso Bissoli, Dirceu Aguirre, Domingos Savio Amstalden, Francisco Fierro, João Bosco Amstalden, José Écio Pereira da Costa Junior, José Fernandes da Silva, José Justo da Silva, José Lui, José Luiz Mariano Gomide, José Novaes, José Oliveira Batista, Luis Alberto Corrêa da Silva, Luiz Gonzaga Cruz, Luiz João Corrar, Oliveira Leite Gonçalves, Oreste Bertacchini, Paulo Roberto Antero, Roberto Davini, Roberto Delgado, Roberto Lui, Rocco Antonio Evangelista, Sergio Alexandre Fioravanti, Vicente de Paulo Moraes e Vladimir Merlo Garcia.

Informamos que existem vários depósitos em nossa C/C que não foram identificados, deixando, pois, de serem relacionados na lista acima. Sempre que for feito algum depósito, enviem-nos esta informação pelo email ou por correspondência (vide item CONTRIBUIÇÕES no EXPEDIENTE).

EXPEDIENTE

Echus do Ibaté é publicação dos ex-alunos do antigo Seminário Médio/Menor Metropolitano Imaculado Coração de Maria, o Seminário do Ibaté - São Roque - SP - Brasil, com distribuição gratuita aos amigos que formam a Turma do Ibaté.

Colaboradores deste número: Alfredo Barbieri, Antonio Carlos Corrêa, Antonio Jurandy Amadi, Augusto José Chiavegato, Getulino do Espírito Santo Maciel, João Francisco de Brito Ramalho, Joel Hirenaldo Barbieri, José Lui, José Moreira de Souza e Wilson Cândido Cruz.

Contribuições: O Informativo mantém-se das contribuições voluntárias dos membros de seu grupo. Podem ser feitas em nome do colega Carlos Domingues Cosso (Cpf 024.626.218-49) por meio da conta bancária no BRADESCO, Ag. 3191 (Largo Arouche), C/C 14399-5. Tão logo seja realizado algum depósito, envie-nos, por favor, um e-mail ou uma correspondência para que possamos identificá-lo, a menos que queira fazê-lo anonimamente.

Equipe Responsável: Wilson Mosca, Carlos Domingues Cosso, Attilio Brunacci, Paulo Francisco Toschi e José Justo da Silva.

Artigos, colaborações, contatos e correspondências: enviar para ECHUS DO IBATÉ,

Caixa Postal 71.509, Cep 05020-970, S.Paulo-SP.

Responsabilidade: As opiniões expressas nos artigos assinados e nas entrevistas representam o ponto de vista de seus autores e não necessariamente o da equipe responsável.

Internet: E-mail: echus@zipmail.com.br ou ibate@seminariodesaoroque.com
Site: <http://www.seminariodesaoroque.com>
Blog do Ibaté: www.imate-sp.blogspot.com
E-mail do Blog do Ibaté: imate.sp@gmail.com
"Palavra de Seminarista" (livro): www.paulo.toschi.blog.uol.com.br
Fotoblog (fotos do Ibaté): www.paulo.toschi.fotoblog.uol.com.br
Twitter Amigos do Ibaté: <http://twitter.com/echusdoibate>
Comunidade no ORKUT: EX-ALUNOS SEMINÁRIO DO IBATÉ (www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?Cmm=723696)

Tiragem: 1.000 exemplares.
Diagramação/Impressão:
Fone: 3903-9697

